



# O futuro da indústria e dos pequenos negócios em perspectiva: desafios e oportunidades

POR **HELOISA MENEZES, JERSONE TASSO MOREIRA SILVA, ANDREI CARLETTO, CRISTINA CORREIA, FABIANO DALLACORTE, KELLY VALADARES, LEONARDO RITTA E LUCAS BENITES**

A pandemia da COVID-19 afetou, nos últimos três anos, vários aspectos da vida cotidiana brasileira. O fechamento de empresas e as medidas de permanência em casa adotadas no início de 2020 levaram a economia brasileira e mundial a uma recessão curta, mas profunda, e causaram um forte aumento do desemprego. O acesso pelos mais vulneráveis à educação e à saúde diminuíram, a pobreza extrema e a desigualdade aumentaram.

Mesmo quando a economia global experimentou uma forte recuperação em 2021, novos problemas surgiram, como aumento da inflação, interrupções nas cadeias de suprimentos,

escassez de mão de obra e aumento dos níveis de dívida para muitos países pobres. Somam-se os riscos ambientais e a necessidade premente de enfrentá-los global e urgentemente. Tais efeitos provocaram o desaquecimento do nível de atividade econômica brasileira e uma série de desafios e pontos de preocupação.

Onde se encontra o pequeno negócio nesta complexa teia de fatores e de relações sociais e econômicas? Um olhar desatento pode atribuir às MPEs uma posição passiva neste contexto, porém é fundamental que se tenha em mente o grande dinamismo dos pequenos negócios, envolvidos em praticamente todos os elos de fornecimento para empresas de todos os portes.

Olhando para o futuro, é essencial entender esses vários impactos e projetar soluções inovadoras para construir economias mais saudáveis. Dessa forma, o Sebrae, por meio do Polo Sebrae de Indústria, e a Fundação Dom Cabral, através do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo, formaram uma parceria com o objetivo de compreender as bases da competitividade e do desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte e atuar sobre elas.

Como resultado, foram gerados relatórios que analisam tendências, propõem cenários e projetam futuros. São eles: “Tendências Macroeconômicas e Setoriais”, “Fatores-Chave para Ganhos de Produtividade”, “*Roadmap* para Tecnologia e Inovação”, “Qualificação da Mão de Obra e Capital Humano” e “*Drivers* de Negócio: ESG e Novos Modelos de Negócios”.

Os relatórios foram estruturados por meio de análises quantitativas e qualitativas sobre perspectivas do atual contexto nacional e do Rio Grande do Sul. Para o modelo analítico quantitativo, realizou-se o levantamento de dados em bases nacionais especializadas para Brasil e Rio Grande do Sul, com o tratamento em sistemas especializados econômicos baseados na metodologia própria da FDC (Plataforma Forecasting/FDC), que projeta indicadores com elevadíssimo grau de precisão. Para a análise qualitativa sobre o ambiente macroeconômico e tendências globais, foram avaliados diferentes relatórios de renomadas entidades e empresas nacionais e internacionais, a exemplo de FMI, World Economic Forum, CNI, Sebrae, bancos e consultorias, notícias de jornais e artigos técnicos.

Esse artigo se propõe a expor, de maneira sucinta, alguns achados extraídos dos relatórios.

**UMA BREVE SÍNTESE DO CENÁRIO MACRO QUE IMPACTA OS PEQUENOS NEGÓCIOS** O desaquecimento da economia brasileira e o cenário econômico global têm se apresentado

desafiadores. Com um ambiente de incertezas e menor confiança dos consumidores, é natural que haja uma redução nos gastos, afetando diretamente a demanda interna, a confiança dos empresários e a produção das empresas.

As projeções da Fundação Dom Cabral (FDC) indicam um crescimento menor do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro nos próximos anos. Estima-se um crescimento de apenas 0,81% em 2023, seguido por taxas de crescimento lento de 1,60% em 2024 e 1,20% em 2025. Essas projeções refletem as incertezas e os desafios enfrentados pela economia brasileira.

Um dos principais pontos de preocupação refere-se às incertezas sobre a sustentabilidade fiscal. A recente aprovação do arcabouço fiscal e a perspectiva de maior controle sobre finanças públicas têm mostrado impacto positivo no mercado, ainda que com certo grau de ceticismo, dado que desequilíbrios nas contas públicas afetam a confiança dos investidores e a capacidade do governo de implementar políticas econômicas efetivas.

Além disso, as projeções indicam expectativas de manutenção de patamares elevados para a taxa de juros básica Selic e o real ainda desvalorizado ao longo do ano, com uma posterior redução no longo prazo. Caso essas movimentações monetárias se confirmem, espera-se que a taxa Selic encerre 2023 em 12,25% ao ano. A manutenção dos juros elevados pode impactar o custo do crédito e desestimular investimentos e o consumo das famílias.

As expectativas inflacionárias também são reajustadas para cima. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o dado oficial de inflação, apresenta projeções de aumento no curto prazo, mas com possibilidade de redução nos médio e longo prazos. A elevação nos níveis de arrecadação de impostos e o crescimento da dívida pública brasileira, devido ao aumento do serviço da dívida, também são fatores que contribuem para esse cenário.

A instabilidade econômica, a incerteza e o baixo crescimento do PIB têm impacto direto na produtividade, levando à postergação de investimentos e à falta de contratações formais. A elevação da produtividade é essencial para o aumento do salário médio, da renda per capita e do bem-estar da população nos próximos anos, principalmente em um contexto de desaceleração do crescimento populacional. É um dos maiores desafios para o crescimento sustentado da economia brasileira.

As preocupações internas e externas levam a uma constatação natural. É preciso preparar os negócios, aumentando a sua resiliência e elevando a sua competitividade com relação a concorrentes mais produtivos inseridos em ambientes de negócios mais dinâmicos.

**MPEs, COMPETITIVIDADE E PRODUTIVIDADE** No Brasil, as micro e pequenas empresas (MPEs) enfrentam desafios significativos para o aumento da sua eficiência, com impactos no seu custo operacional e nas perspectivas concorrenciais. Problemas estruturais, a defasagem tecnológica e a necessidade de adotar novas abordagens de gestão, como a gestão de projetos inovadores, são questões que precisam ser enfrentadas para impulsionar a produtividade dessas empresas.

Há uma disparidade na produtividade do trabalho entre setores e porte de empresas. As pequenas empresas têm menor produtividade no Brasil e no mundo, o que é preocupante em um contexto em que as MPEs representam mais de 90% do total dos negócios e 52% dos empregos no país. Além disso, as MPEs devem desempenhar papel relevante e crescente nas cadeias de suprimento globais, em processo de realocização que requer padrões mundiais de eficiência.

A produtividade geral da economia apresentou um crescimento muito modesto entre 1995 e 2021, enquanto a produtividade da indústria apresentou queda de 0,7% no período. Ao mesmo tempo, vemos a agropecuária como um dos únicos setores com crescimento robusto no indicador (elevação de 5,6%), como consequência do uso das tecnologias.

O aumento de produtividade passa, necessariamente, pela melhoria de processos e de produtos, o que requer que a matriz produtiva do Brasil acelere suas forças inovativas para produzir em níveis internacionais de competitividade. Estudos internacionais demonstram a alta correlação entre os investimentos em ativos intangíveis e a produtividade dos países e de suas empresas. No entanto, o Brasil tem avançado lentamente no Índice Global de Inovação, fechando 2022 na 54ª posição, entre 132 países analisados. Em especial, o pilar “Instituições”, onde figurava, em 2022, na posição 102 do ranking, é um dos fatores mais críticos ao desenvolvimento.

É necessário um maior e contínuo investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e aprimoramento do ambiente regulatório para impulsionar a inovação no país, em especial para as MPEs e startups. A disseminação de tecnologias já desenvolvidas e amplamente disponíveis no mercado pode acelerar a melhor inserção das MPEs no mercado, cada vez mais exigente de qualidade, personalização e propósito associado ao negócio.

Além disso, contar com talentos em volume e qualificados para o presente e para o futuro é essencial. No entanto, o Brasil enfrenta desafios relacionados à educação, desigualdade social e falta de formação técnica adequada. Projeções da FDC apontam o aprofundamento

do *gap* educacional, tanto nos aspectos quantitativos quanto nos indicadores de qualidade do ensino.

O perfil de pessoas ‘plenamente conectadas’, que têm acesso facilitado e frequente a tecnologias, representa apenas 49,4 milhões da população brasileira, evidenciando que há uma enorme disparidade entre este grupo e os demais cidadãos, que se distribuem entre parcialmente conectados, subconectados e desconectados. Este último grupo, caracterizado por pessoas de baixa escolarização e por idade mais avançada, representa quase 34 milhões de brasileiros. Pensar em alterações na estrutura educacional contando com um número tão elevado de pessoas fora das trocas que acontecem de maneira virtual é praticamente utópico. Levantamento feito regularmente pela CNI aponta que 19% das indústrias acreditam que baixos níveis de educação e de mão de obra são fatores que dificultam a inovação no Brasil.

Do ponto de vista de talentos, os pequenos negócios poderiam ser analisados em dupla perspectiva: demandam pessoas adequadas para gerir seus negócios e, ao mesmo tempo, podem suprir carências específicas das cadeias de valor das grandes empresas. Pequenas empresas e *startups* com propósito e ação local podem ser fatores atrativos para jovens talentos e para grandes empresas buscarem parcerias.

O desenvolvimento de competências tecnológicas e digitais é crucial para gerar os talentos exigidos pela adoção crescente de tecnologia na Indústria 4.0, pelo aumento da “serviçificação” da indústria, com a adoção de novos modelos de negócios e emprego de serviços acoplados aos seus processos e produtos. MPEs do setor de TICs (tecnologias de informação e comunicação) podem ser grandes supridoras de serviços tecnológicos.

**ESG E NOVA CONFIGURAÇÃO DAS CADEIAS DE VALOR COMO OPORTUNIDADES PARA AS MPEs** Para além das tecnologias, adiciona-se outro fator na gama de desafios e de oportunidades para as MPEs: a agenda ESG (*Environmental, Social and Governance*), que se tornou estratégica para as empresas de todos os países, setores e portes. As pressões por modos de produção mais sustentáveis encontram ressonância especial no Brasil e vão atingindo todos os pontos das cadeias de suprimento. A incorporação de práticas sustentáveis e a gestão de riscos e impactos socioambientais contribuem para a resiliência das empresas, melhoria da reputação e fortalecimento das relações com os clientes.

As MPEs, preocupadas com a sua sobrevivência, passam a encarar o ESG como exigência e como oportunidade. Para a adequação às exigências do mercado e regulatórias,

urge trazer aos pequenos negócios a mensagem de que não é necessário pânico, mas, sim, planejamento, preparação e uso de ferramentas de gestão e inovação já disponíveis. Esta é uma chance de ganho!

Quando se trata de ESG no cenário de rearranjo das cadeias produtivas – nacional e internacionalmente –, é relevante observar que não há como se atingirem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável sem melhorar a produtividade. Ser sustentável significa reduzir ineficiências, melhorar processos, diminuir resíduos e empregar tecnologia para auxiliar o trabalho humano a ser mais efetivo. Inovação é o motor do ESG.

Por fim, é importante ressaltar as vantagens das pequenas empresas frente às corporações de maior porte. E enfatizar que elas devem se valer disso no jogo competitivo. No contexto de novas exigências e de novas competências, a capacidade de rápida reorganização dos pequenos empreendimentos é um fator determinante. A relativa facilidade de adaptar processos e de ter respostas mais pragmáticas em menos tempo pode ser decisiva para a sua sobrevivência e a prosperidade. O fator de proximidade com as comunidades onde estão inseridas também é vantajoso, pois conexões que envolvem mais do que a troca puramente comercial tendem, no contexto brasileiro, a gerar melhores resultados.

No entanto, a adoção de práticas ESG ainda é desafiadora para as empresas familiares, que precisam se adaptar e buscar aperfeiçoamentos. Relatórios, metas, processos e conexões com o ecossistema são fundamentais para apoiar a implementação de práticas ESG nas MPEs, que devem estar fundamentadas na compreensão do que realmente impactará o seu negócio e em que o seu negócio fará a diferença no seu ecossistema. É importante pontuar a relevância dos pequenos negócios na sua conexão com médias e grandes empresas. Estas podem contar, nas suas práticas ESG, com empresas ágeis e com impacto local tanto como fornecedores de produtos, parceiros para soluções tecnológicas, investidos ou alvo de projetos sociais e ambientais.

**A NECESSIDADE DE UM OLHAR SISTÊMICO E DIFERENCIADO SOBRE AS MPEs** Em suma, o cenário econômico global e brasileiro revela diversos desafios. A inovação, a qualificação da mão de obra e a adoção de práticas sustentáveis são elementos essenciais para impulsionar o crescimento econômico e enfrentar tal cenário, facilitando a transição para uma economia de baixo carbono, mais justa e inclusiva.

As dificuldades das atuais gerações de empresários são potencializadas, pois, pelo ambiente de incertezas e de aceleração de mudanças, são impulsionadas pelas tecnologias e

inovações digitais e pelos novos comportamentos dos mercados, dos investidores e da sociedade. Fica evidente a necessidade de olharmos para o ambiente global e o nacional com um olhar mais estratégico, buscando identificar forças e mitigar pontos de vulnerabilidade das empresas, antecipando futuros possíveis.

As análises de tendências e cenários, quando observadas de maneira agregada, podem enviesar os olhares de estudiosos e planejadores, dada a dificuldade de se identificar os vetores de ação e de transformação econômica. Neste contexto, verifica-se uma certa barreira analítica na análise das especificidades, do papel e das oportunidades dos agentes de pequeno porte. Dificilmente o foco dos estudos está neles, tendendo a ser encarados como secundários ou refratários, mesmo sendo a imensa maioria do tecido empresarial brasileiro. A exceção se faz às análises recentes sobre as *startups*, também empresas de pequeno porte, nascentes, com grande potencial de escalar.

Assim, a real compreensão sobre o futuro dos pequenos negócios e seu papel no desenvolvimento da competitividade e da produtividade brasileira sugere a necessidade de estudos e abordagens específicas de intervenção para o fomento às MPEs.

Porém, é fundamental compreender que, embora os olhares sistêmicos dos estudos prospectivos realizados pela FDC e pelo Sebrae possam trazer cenários que pareçam distantes da realidade das MPEs, na verdade eles antecipam movimentos que chegam a elas como ondas de choque. São, pois, movimentos inevitáveis, que devem ser antecipados e compreendidos para orientar os campos de impactos e de oportunidades para as MPEs.

O maior desafio nesse sentido é reduzir as diferenças de preparação. Enquanto os grandes *players* – os primeiros a serem atingidos por situações externas – conseguem antever, preparar-se e se adaptar, geralmente os menores sofrem de surpresa e sem o nível de preparação e de resposta demandados pelos desafios.

Ações para apoiá-los e estimulá-los implica no aprofundamento do conhecimento sobre essa camada de empresários e um planejamento de ações que demanda antecipar futuros e agir com capilaridade, escala e profundidade.

**PARA SE APROFUNDAR NO TEMA**

<https://datasebrae.com.br/totaldeempresas-11-05-2020/>

<https://www.bsg.ox.ac.uk/blog/thirty-years-common-differentiated-responsibility-why-do-we-need-it-ever-more-today>

<https://publications.iadb.org/publications/english/viewer/Deep-Tech-The-New-Wave.pdf> (pg 25)

<https://santandertrade.com/en/portal/establish-overseas/brazil/business-practices>

Hub de Conhecimento - Polo da Indústria. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/poloindustria>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

PNUD, Ministério da Economia e UFRGS, 2022. Soluções tecnológicas da Indústria 4.0 para micro, pequenas e médias empresas do setor de transformação industrial.

UNCTAD (2021). Technology and innovation Report 2021.

<https://fdcagora.fdc.org.br/forecasting>

TADEU, H. F. B.; SILVA, J. T. M. (2013). Determinants of the Long Term Private Investment in Brazil: an empirical analysis using cross-section and Monte Carlo simulation. **Journal of Economics Finance and Administrative Science**.

---

**HELOISA MENEZES** é professora convidada e pesquisadora do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral. Especialista em inovação e economia digital, políticas de inovação e desenvolvimento tecnológico, política industrial, desenvolvimento local e regional, relações institucionais e governamentais, negócios de impacto social e ambiental.

---

**JERSONE TASSO MOREIRA SILVA** é professor associado e pesquisador do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo. Pós doutor em Gestão de Operações, University of Texas at El Paso (UTEP) e doutor em Economia Aplicada, Universidade Federal de Viçosa, 2001.

---

**ANDREI CARLETTO** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.

---

**CRISTINA CORREIA** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.

---

**FABIANO DALLACORTE** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.

---

**KELLY VALADARES** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.

---

**LEONARDO RITTA** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.

---

**LUCAS BENITES** é analista de Competitividade Setorial no Sebrae-RS.